

Foi reencontrada!  
— Que? — a Eternidade.  
É o mar misturado  
Ao sol.

° °

Tornei-me uma ópera fabulosa: vi que tôdas as criaturas têm uma fatalidade de felicidade: a ação não é a vida, mas uma maneira de dissipar alguma fôrça, um depauperamento. A moral é a fraqueza do cérebro.

Parecia-me ter direito a várias *outras* vidas, em cada criatura. Este cavalheiro não sabe o que está fazendo: é um anjo. Esta família é uma ninhada de cães. Diante de vários homens, durante um momento conversei em voz alta com uma de suas outras vidas. — Assim, amei um porco.

Nenhum dos sofismas da loucura, — a loucura que leva ao hospício, — ficou esquecido por mim: eu poderia repeti-los todos, tenho o sistema.

Minha saúde ficou ameaçada. Surgia o terror. Passava dormindo vários dias e, acordado, continuava os mais tristes sonhos. Estava maduro para a morte, e por um caminho de perigos minha fraqueza me levava aos confins do mundo e da Ciméria, pátria da sombra e dos turbilhões.

Tive de viajar, para distrair os encantamentos reunidos no cérebro. Sobre o mar, que amava como se fôsse lavar-me de uma mancha aviltante, via erguer-se a cruz consoladora. Eu tinha sido amaldiçoado pelo arco-íris. A Felicidade era minha fatalidade, meu remorso, meu verme; minha vida seria sempre demasiadamente imensa para ser dedicada à fôrça e à beleza.

A Felicidade! Seu dente, doce à morte, advertia-me ao canto do galo — *ad matutinum*, no *Christus venit*, — nas mais sombrias cidades:

Ó castelos, ó tempos!  
Qual a alma sem defeitos?

Eu fiz o mágico estudo  
Da iniludível ventura.

Saudemo-la, tôda vez  
Que cante o galo gaulês.

Ah! não terei mais desejos:  
Pus em suas mãos minha vida.

Tomou êsse encanto alma e corpo  
E os esforços dispersou.

Ó castelos, ó tempos!

Quando se fôr, ai de mim!  
Será a hora de meu fim.

Ó castelos, ó tempos!

° °

Isto passou. Sei hoje saudar a beleza.